

REVISTA



ECOS

**LITERATURAS E LINGUÍSTICAS**

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso  
- Editora Unemat -

**EPLIT**  
Centro de Pesquisa  
em Literatura

**CEPEL**  
Centro de Estudos e Pesquisas em Letras

Programa de  
Pós-Graduação  
em Estudos Literários  
**PPGEL**

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva  
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2016 / Unemat Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas  
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT: Unemat Editora, 2016.

387 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jan 2016 - Jun 2016). Vol. 20, ano 13, n. 1 (2016)

CDU: 81

### Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000  
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

**Vol. 20, Ano 13, nº 1 (2016)**

**ISSN: 2316-3933 (*online*)**

# **REVISTA ECOS**

Literatura e Linguística

Indexações:

Sumários de Revistas Brasileiras ([sumarios.org](http://sumarios.org))

Diadorim

Latindex

## **UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marques do Amaral

### **CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA** Agnaldo Rodrigues da Silva

#### **CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS**

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)  
Elza Assumpção Miné - USP  
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal  
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP  
Roberto Leiser Baronas - UFSCar  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP

#### **CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO**

Agnaldo José Gonçalves – UNESP  
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT  
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT  
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT  
Benjamin Abdala Junior –USP  
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT  
Eduardo Guimarães - UNICAMP  
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT  
Elza Assumpção Miné - USP  
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT  
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique  
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP  
Liliane Batista Barros - UFPA  
Luiz Francisco Dias - UFMG  
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP  
Mário César Leite - UFMT  
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP  
Nelly Novaes Coelho - USP  
Rita de Cássia Natal Chaves - USP  
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT  
Tânia Celestino de Macedo – USP  
Valdir Heitor Barzotto – USP  
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT  
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras  
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



**ECOS**

**TEXTOS EM PORTUGUÊS**


 SUEVOS NA PENÍNSULA IBÉRICA E A HISTÓRIA DA  
LÍNGUA LUSITANA

 SWABIANS IBERIAN PENINSULA AND THE  
LANGUAGE OF HISTORY LUSITANA

 Celso Abrão dos Reis<sup>1</sup>  
Miguel Eugenio de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** Imaginar as condições históricas necessárias à ocorrência de um episódio de superstrato é tarefa, no mínimo, instigante e porque não dizer desafiadora, nesse contexto, a lógica e sua natureza fria nos diz quem vence impõe sua vontade aos vencidos, argumento de fácil entendimento e aceitação, no entanto, a humanidade nunca trilhou um caminho sem curvas e, em uma delas, eis que surge a inusitada história da invasão da Península Ibérica pelos bárbaros suevos, no século V e sua polêmica influência na língua lusitana, assim, bebemos na fonte de Faraco (2006), para fixarmos um norte para a presente investigação, para isso, esse trabalho analisou algumas bibliografias, comparativamente, procurando recortar amostras mais significativas do posicionamento de seus autores: primeiro, os partidários da relevância; segundo, os não partidários da relevância do superstrato suevo, nesse sentido, ao longo do trabalho nos deparamos com opiniões completamente opostas sobre o mesmo tema e procuramos destacar as evidências que nos levaram desde a exaltação às influências dos suevos à língua lusitana, até as raias do etnocentrismo romano com traços de preconceito linguístico, não obstante, evidenciou-se duas tendências importantes, uma de ignorar o fato de que tanto os romanos quanto os suevos serem povos invasores, independentemente do letramento ou não de suas culturas, outra de considerar somente os fatores linguísticos como os mais impactantes na ordem social da região.

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Língua Lusitana; Suevos; Península Ibérica; Portugal.

**ABSTRACT:** Imagine the historical conditions necessary for the occurrence of an episode of superstrate's task, at least, thought-provoking and why not say challenging, in this context, logic and his cold nature tells us who wins imposes his will on the vanquished, argument of easy understanding and acceptance, however, mankind has never trod a path without curves, and one of them, here comes the unusual story of the invasion of the Iberian Peninsula by the Swabians barbarians in the fifth century and his controversial influence on Lusitanian language, so we use Faraco (2006), to fixate a north to this research, for this, this paper analyzed some bibliographies, looking cut most significant

- 1 Discente da UEMS/PG – nível de mestrado/CAPES. E-mail: celsoabrao@gmail.com
- 2 Docente da UEMS/Pós-graduação. E-mail: miguel@uems.br

samples of the positioning of the authors: first, the supporters of relevance; second, the not supporters of relevance of the Swabian superstrate, in this sense, throughout the work we are faced with completely opposing views on the same subject and seek out the evidence that led us from exaltation to the influences of the Swabians to the Lusitanian language, even the rays Roman ethnocentrism to linguistic discrimination traits, however, showed two important trends, one ignores the fact that both the Romans as the Swabians are people invaders, regardless of literacy or not of their culture, another to consider only linguistic factors as the most striking in the social order of the region.

**KEYWORDS:** History; Lusitanian language; Swabians; Iberian Peninsula; Portugal.

## Introdução

A percepção de que a língua lusitana é o resultado da influência de diversos povos que ocuparam, invadiram e habitaram a região da Península Ibérica é tese convergente entre pesquisadores e estudiosos de fenômenos linguísticos, o que pode ser observado divergente nas análises publicadas em alguns livros e artigos sobre o tema, é o entendimento de alguns autores quanto a natureza e o caráter das influências linguísticas e culturais atribuídas aos bárbaros suevos, que invadiram e dominaram a península no século V, estabelecendo-se na região “onde mais tarde se desenvolveu a nação portuguesa” (COUTINHO, 1976, p. 51), ocasião em que optaram por adotar o latim, língua utilizada pelos povos dominados, nesse contexto, o presente trabalho se propõe analisar algumas discrepâncias nas avaliações sobre o superstrato<sup>3</sup> consequente, pela ótica da história externa, que estuda:

[...] a história da língua no contexto da história social, política, econômica e cultural da (s) sociedade (s) com a (s) qual (is) ela está relacionada. [...] estudar, por exemplo, como se deu a ocupação romana da Península Ibérica e a formação das várias línguas românicas aí faladas é fazer história externa. (FARACO, 2006, p. 59).

Tendo isso em mente, estabelecemos que os recortes estudados restringirão a investigação aqui proposta a um objeto, tempo e espaço bem definidos, para tanto, nos limitaremos a analisar os bárbaros suevos; no século V; na Península Ibérica (regiões da Galécia e Lusitânia) e o método utilizado considerou a história externa da língua, com uma metodologia fundamentada na confrontação de opiniões expressas no material bibliográfico selecionado e envolverá a apreciação do posicionamento de seus autores, uns partidários e outros não partidários da relevância das influências linguísticas infligidas aos suevos.

## Estudiosos partidários da relevância da contribuição dos suevos à língua lusitana

O linguista dinamarquês Otto Jespersen (1860-1943) sustentou que “na história das línguas não há decadência, degradação, degeneração; o que há é progresso, um caminho de mudanças na direção de formas mais aperfeiçoadas” (*apud* FARACO, 2006, P. 77), por esse viés, é possível compreender tais mudanças como um processo histórico salutar, essa tese

3 Para Garcia (2002), superstrato é a língua nativa de um povo dominador desaparecida, em virtude de este povo ter adotado a língua do povo dominado.

pode ter influenciado alguns autores favoráveis à contribuição dos suevos, a seguir analisados:

- a) Ismael de Lima Coutinho, referência em estudos filológicos e autor de diversas obras entre livros e periódicos, era membro e fundador da Academia Brasileira de Filologia e prestigiado romanista, vemos em uma de suas obras que ele faz menção a chegada dos suevos na *Galécia e Lusitânia*, a saber:

[...]depois dos vândalos, surgiram os suevos, que se estabeleceram na Galécia e na Lusitânia. Por habitar a região, onde mais tarde se desenvolveu a nação portuguesa, merece este povo bárbaro especial consideração na história da nossa língua. (COUTINHO, 1976, p. 51).

Em suas referências aos bárbaros germanos (suevos; visigodos), Coutinho faz evidente seu entendimento de que houve contribuições relevantes, nesse sentido, afirma “que não pequenas foram as transformações a que o sujeitaram, adotando-o (o Latim)<sup>4</sup> por língua própria”, é possível notar em suas análises que, em virtude de um estilo de vida guerreiro e nômade, os suevos não davam importância às escolas e acabaram por suprimi-las e, na incorporação do latim como sua língua, não tiveram o cuidado de mantê-lo em sua forma culta, mesmo assim, o filólogo afirma que:

Da dominação germânica, quase tricentenária, há vestígios indelévelis em mais de duzentas palavras, que ficaram incorporadas ao nosso patrimônio léxico. São vocábulos referentes aos seus usos e costumes, na maioria designativos de armas, vestes, insígnias guerreiras, etc. (COUTINHO, 1976, p. 12).

Ante o exposto, cogitamos não haverem dúvidas quanto ao posicionamento desse pesquisador se apresentar favorável a relevância das contribuições à língua, oriundas da presença sueva na região.

- b) Carlos Alberto Faraco, renomado linguista e uma das importantes referências em cursos de graduação e pós graduação em Letras, com trabalhos tratando principalmente de temas relacionados a Bakhtin, discurso, dialogismo, ensino de português e, no que se refere a linguística, segue a tese que defende as mudanças na língua como consequência natural de sua evolução histórica e, segundo ele:

4 O termo entre parênteses foi acrescentado pelo autor deste trabalho.

[...]as línguas estão em movimento, mas nunca deixam os seus falantes na mão. Em outras palavras, as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados. (FARACO, 2006, p. 14).

Nesse contexto, é possível observar que o estudioso da Linguística Histórica compreende que, pela falta de tradição na língua escrita<sup>5</sup>, os suevos escaparam do seu “conservadorismo” e de sua “dimensão de permanência que em geral falta à língua falada”, com isso, podem ser entendidas como parte de “um longo e contínuo processo histórico, do mesmo modo que, a cada momento do tempo, as mudanças estão ocorrendo, ainda que imperceptíveis aos falantes”, observa ainda que:

[...]falantes que não conhecem linguística ao desenvolverem consciência de mudança em sua língua, tendem, muitas vezes, a desenvolver paralelamente uma atitude negativa em relação a elas, entendendo-as como uma espécie de decadência: a mudança estaria empobrecendo-a, transformando-a para pior. (FARACO, 2006, p. 75).

Com isso, é possível inferir que as opiniões apontadas para esse norte são obra do desconhecimento da ciência linguística e de onde, assevera o pesquisador, derivariam as conclusões de leigos pela transformação da língua para pior, assim, podemos compreender a tendência nas posições de Faraco como favoráveis a relevância da contribuição.

- c) Nilsa Areán-García, apresenta atuação consistente nos círculos de pesquisa linguística, especialmente na área de Letras e Linguística, com ênfase em Morfologia Histórica, Língua Portuguesa e Galega, a pesquisadora faz em alguns de seus estudos citações que contemplam ambas posições (partidárias e não partidárias), porém, aparentemente, não as considera desfavoráveis, então vejamos:

As diferenças regionais do latim e a sua evolução se acentuaram com a desintegração do Império Romano a partir do século V d.C. e a criação de unidades políticas autônomas, bem como com as migrações de povos suevos, vândalos, alanos e, posteriormente, visigodos, que estabelecerem o seu domínio na Península Ibérica. Segundo Bassetto (2001, p. 142-143), devido ao subjugo dos povos suevos pelos visigodos, é difícil atribuir a influência, exercida por aqueles, mas, sabe-se que certas

5 Os suevos eram originalmente uma cultura ágrafa.

estruturas morfológicas são herança direta dos visigodos, tais como os sufixos *arde*, *ardo* e *engo*. (AREÁN-GARCIA, 2011, p. 21).

Essa tese aponta para uma dificuldade em “atribuir a influência exercida” (*apud* AREÁN-GARCIA, 2011, p. 21), específica do superstrato suevo em relação aos visigodos, visto que estes subjugarão aqueles, a historiadora afirma ainda que:

[...]os suevos, pouco romanizados e, inicialmente, não cristãos, seriam os responsáveis por dar início ao particularismo da língua galego-portuguesa, ao se instalarem na Gallaecia no início do século V, em 411. A fusão dos povos galaicos-romanos e suevos, foi um processo prolongado que parece somente ter se estabilizado em 559 com a conversão destes ao catolicismo. Seu reino ocupou desde a região norte do rio Tejo e toda a província da Gallaecia com a capital em Braga, mas sucumbiu em 585 com as campanhas de expansão do reino visigodo de Leovigildo. (AREÁN-GARCIA, 2009, p. 30).

Areán-García trata as questões relativas ao fim das influências romanas na região de forma ponderada, referindo-se a elas como “particularismo da língua galego-portuguesa” que, após um período de tempo, se oferecerá a estabilização, portanto, não fazendo manifestações negativas em alusão aos aspectos linguísticos da presença dos suevos na *Gallaecia*.

- d) Afrânio da Silva Garcia, professor e autor com produção literária das mais significativas e variadas entre inúmeros livros e dezenas de artigos, atua na área de Letras, com ênfase em Semântica, o pesquisador não explicita em seus comentários qualquer distinção, quanto as influências na língua entre visigodos, suevos e vândalos, como veremos a seguir:

O superstrato, representado pelas palavras de origem germânica, introduzidas pelos visigodos, suevos e vândalos, constitui-se numa influência bem mais acentuada do que aquela do substrato. São, na maior parte das vezes, palavras ligadas à vida militar e aos costumes próprios dos germanos [...]. (GARCIA, 2002, p. 74).

Podemos perceber uma preocupação desse pesquisador quanto a variação de sentidos das definições de *substrato*, *superstrato* e *adstrato*, tanto que menciona em suas análises os posicionamentos de Mattoso Câ-

mara Junior; Wilton Cardoso; Celso Cunha; Martinet e, baseado neles, chega as suas próprias definições, a saber:

Se fizéssemos um resumo das três definições, partindo-se sempre do mais geral, teríamos: 1) Substrato – língua nativa desaparecida de um povo dominado, que adotou a língua do dominador; 2) Superstrato – língua nativa de um povo dominador desaparecida, em virtude de este povo ter adotado a língua do povo dominado; 3) Adstrato – qualquer língua que conviveu ou convive em pé de igualdade (bilinguismo) com outra língua. (GARCIA, 2002, p. 73).

Garcia relaciona o peso das aludidas influências por intermédio de uma comparação do superstrato das palavras de origem germânica (visigodos, suevos e vândalos) com o substrato<sup>6</sup> correlato, concluindo que a importância maior recai sobre o superstrato conseqüente, portanto, é possível entender que seu posicionamento aponta para a relevância da contribuição.

- e) Leonardo Samu, historiador que compõe a safra de pesquisadores que dedica-se à historiografia da língua portuguesa, tem formação em Artes e atua profissionalmente como instrumentista de piano e órgão, aparentemente, ele segue uma linha de análise que percebe o resultado da fusão de várias culturas sob um contexto histórico determinado, que pode ser notada na citação seguinte:

O domínio romano na península tem fim com a queda de Roma (476 d.C.). Após esta data, as antigas províncias ficaram entregues à dominação bárbara. Em especial, a região correspondente hoje à Portugal conheceu novas levas de forasteiros: os Visigodos e os Suevos. Dotados de uma concepção diferenciada das propostas romanas, souberam aproveitar, em partes, as heranças deixadas pelos romanos na região, incluindo o uso do latim, o que garantiria a preservação dos falares românicos mesmo após o desaparecimento de Roma. Após as invasões bárbaras, a situação da Península Ibérica era exatamente esta: um mosaico étnico utilizando, na fala, romances repletos de superestratos germânicos. Apesar desta intensa diversidade, a fusão de todos estes povos e línguas, com maior respaldo ao latim, fez gerar uma sociedade medieval de considerável organização, aos moldes romanos, demonstrando uma relação pacífica entre as partes estabelecidas. (SAMU, 2011, p. 3-4).

6 Para Garcia (2002), o substrato é uma língua nativa desaparecida de um povo dominado, que adotou a língua do dominador.

Samu inferimos, vislumbrou um oportunismo inteligente dos forasteiros<sup>7</sup> visigodos e suevos ao sorverem as heranças civilizatórias com as quais se depararam na região da Península Ibérica, sobretudo dos romanos, abarcando o latim, idioma com o qual têm empatia, e terminam por desenvolver uma composição linguística marcada pelo superstrato, destaca ainda o historiador que, apesar de intensa diversidade de povos e línguas, “gerou uma sociedade de considerável organização aos moldes romanos”, estas avaliações tornaram plausível sua colocação entre os partidários da relevância.

### 3. Estudiosos não partidários da relevância da contribuição dos suevos à língua lusitana

Para o linguista alemão August Schleicher (1821-1868), a língua é “um organismo vivo, com existência própria independente de seus falantes” (*apud* FARACO, 2006, p. 76-77), ele entendia “a história das línguas como um processo que depois de atingir um estágio superior, acabava por produzir degeneração” (*Idem, ibidem*), por esse viés, é possível compreender as transformações na língua como um processo histórico nocivo que, de alguma forma, pode ter influenciado autores entusiastas da cultura clássica romana e do latim culto a posicionarem-se, alguns de maneira cáustica, contrários a contribuição dos suevos, como segue:

- a) Ernesto Carneiro Ribeiro<sup>8</sup>, médico e literato brasileiro nascido em Itaparica, Estado da Bahia, filólogo de mérito e educador de amplísimos conhecimentos, cuidadoso na correção da linguagem, envolvido a contragosto na apreciação do projeto do Código Civil Brasileiro<sup>9</sup>, iniciou com Rui Barbosa, seu antigo aluno, a polêmica, destacando certos aspectos do português no Brasil que não eram percebidos pelos gramáticos, tornando-se no país o pioneiro de uma gramática constituída em função da língua falada, sobre o assunto publicou *A redação do projeto do código civil* (1902) e *A réplica do Dr. Rui Barbosa* (1905), e faleceu em sua terra natal, em 13 de novembro (1920), com 81 anos.

7 O termo forasteiro é admissível também quando se trata da presença dos romanos na Península Ibérica, vez que, na condição de invasores, tomaram de assalto a região.

8 A Biodata de Ernesto Carneiro Ribeiro foi compilada do site da Universidade Federal de Campina Grande, disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/ErnstCa.html>, acesso em 12/11/2014.

9 Preparado em 1899 pelo mestre em direito Clóvis Beviláqua.

Em sua obra tratando da gramática portuguesa, se vale de um estilo mordaz para se referir, também, ao domínio ibérico dos suevos, como segue:

No Século 5.º os Visigodos, povos bárbaros, que em suas conquistas foram precedidos pelos *Vandalos*, Suevos e Alanos, substituíram os Romanos em seu domínio na Espanha; mas, embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na *sciencia* e civilização, adotaram a língua deles. A *consequencia* da invasão destes bárbaros foi corrupção, *decadencia* e ruína das *letras* e da cultura romana: suprimiram-se as escolas, *desappareceu* a maior parte dos estabelecimentos de *instrucção*. Estancados assim os mananciais donde vertiam os *thesouros* preciosos, com que se enriqueciam as *sciencias*, as *letras*, a *lingua*, tão solida e custosamente implantada na *Peninsula*, foi-se ainda abastardando e corrompendo. (RIBEIRO, 1950, p. 185).

Carneiro Ribeiro demonstra repulsa quanto as consequências da invasão ibérica sueva, trata o assunto como “embora vencedores, menos adiantados que os vencidos na *sciencia* e civilização, adotaram a língua deles”; “decadência e ruína das *letras* e da cultura romana”; “estancados os mananciais donde vertiam os *thesouros* preciosos, com que enriqueciam as *sciencias*, as *letras*, a *lingua*”; “foi-se ainda (o latim)<sup>10</sup> abastardando e corrompendo”, sendo, de todas as análises consideradas nesse trabalho, a que possui os aspectos mais contundentes e as análises mais cáusticas quanto a não relevância da contribuição, nesse contexto, inferimos que o peso da opinião do emérito filólogo pode, em alguma medida, ter influenciado toda uma geração de pesquisadores a reproduzirem, sem maiores reflexões, mazelas ao latim e à cultura romana imputadas aos suevos.

b) José Mario Botelho, ilustre filólogo com uma trajetória acadêmica apreciável, participa dos principais círculos de pesquisa em linguística com produção científica das mais diversificadas e consistentes, ele é membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), ocupando a cadeira de número 15, fundada por Ismael de Lima Coutinho, atua como Vice-Diretor-Presidente do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos (CiFEFiL), o notório historiador é severo em suas observações quanto as consequências da invasão *gótica* ao norte da Península Ibérica, como podemos perceber adiante:

10 O termo entre parênteses foi acrescentado pelo autor deste trabalho.

No séc. V d. C., o Império Romano, que já estava em decadência, é totalmente destruído pelas invasões góticas. Os bárbaros, como eram chamados pelos romanos, fizeram várias incursões ao Norte da península Ibérica. Tal fato acelerou a dialeção do latim, que já vinha sendo influenciado pelos substratos linguísticos da península. Contudo, totalmente romanizada, a península Ibérica sofre com a invasão dos bárbaros, que, embora tenham determinado o fim da romanização, não alteraram essencialmente a latinização (dispersão do latim vulgar), que não deixou de se efetivar. Mesmo vencedores, os góticos: suevos, alanos, vândalos, godos e visigodos, adotaram em seus distintos reinos também os elementos de civilização e a língua latina, apesar de abalar efetivamente a unidade político-cultural do Império Romano, que cai aos pés daqueles povos de cultura inferior à dos romanos. Depois da queda do Império, o latim, já bastante modificado pela ação das antigas línguas da península, também sofre as influências das línguas dos bárbaros germânicos – línguas superstratas ao latim; dialetou-se, isto é, passou a se desenvolver independentemente em cada uma das diversas regiões. Instaura-se, pois, um verdadeiro caos linguístico, que paulatinamente vai se organizando nas distintas regiões ocupadas pelos reinos gótico-cristãos. (BOTELHO, 2010, p. 8-9).

Botelho se refere ao superstrato suevo e sua influência político-cultural na Península Ibérica como “dialeção do latim”; “povos de cultura inferior”; “caos linguístico”, percebe-se nesse autor uma tendência a considerar o Império Romano e sua cultura letrada como superior em relação a cultura dos bárbaros germanos, evidenciando-se um posicionamento que aponta, na invasão dos suevos, o princípio de uma decadência cultural e linguística “que paulatinamente vai se organizando” (Idem, ibidem), todas são conclusões em direção da não relevância.

- c) Paul Teyssier, é autor da História da Língua Portuguesa, publicada em 1980 por Presses Universitaires de France, traduzida para o português por Celso Ferreira Cunha, sua obra é referência nos meios acadêmicos brasileiros, tradutor e ensaísta, autor da primeira gramática de português na França e importante divulgador da língua portuguesa europeia, brasileira, africana e asiática, responsável pela tradução para o francês de inúmeras obras de autores portugueses, tais como, Os Maias, de Eça de Queiroz, em suas análises esse pesquisador é bastante contundente quanto aos efeitos negativos da influência dos invasores germânicos na língua e cultura romana da península, o que podemos constatar nas referências a seguir:

Em 409, invasores germânicos - vândalos, suevos e alanos – afluem ao sul os Pirineus, seguidos, mais tarde, pelos visigodos. Assim começa um dos períodos mais obscuros da história peninsular, que irá terminar em 711, com a invasão muçulmana. [...] No que diz respeito à língua e à cultura, a contribuição dos suevos e dos visigodos foi mínima. Tiveram um papel particularmente negativo: com eles a unidade romana rompe-se definitivamente e as forças centrífugas vão preponderar sobre a coesão. Se o latim escrito se mantém como a única língua de cultura, o latim falado evolui rapidamente e diversifica-se. (TEYSSIER, 2007, p. 5).

Teyssier trata a invasão sueva como “um dos períodos mais obscuros da história peninsular”; conclui quanto a cultura que “a contribuição foi mínima”; quanto a presença na região, afirma que “tiveram um papel particularmente negativo”, nesse contexto, toda influência negativa, segundo afirma, “irá terminar em 711, com a invasão muçulmana”, tais afirmações se apresentam discutíveis, visto que o pesquisador não pondera sobre como a presença muçulmana pudesse ser mais ou menos danosa à cultura ou à língua romana na região, isso posto, entendemos suas posições como partidárias da não relevância.

d) Mário Curtis Giordani, historiador, pesquisador e prestigiado autor de livros de filosofia, história e direito, sua trajetória o leva a se tornar admirável expoente dos círculos acadêmicos brasileiros e seu livro, *História da Antiguidade Oriental*, da editora Vozes, é uma das referências básicas no curso de história da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), o expoente literário se posiciona de forma cética quanto ao legado civilizatório bárbaro e cita, com ressalvas, outro autor; Musset, este com linha de análise cáustica quanto aos suevos, contudo, é possível perceber uma tendência em Giordani de acompanhá-lo em sua linha de conclusões, a saber:

Ao que tudo indica, os suevos foram por demais bárbaros para deixarem um legado apreciável e permanente à civilização. Além de uns poucos vocábulos introduzidos no vocabulário português, de alguns vestígios onomásticos e arqueológico deixados na Gália e além da organização eclesiástica nessa região, nada mais temos a assinalar sobre a herança do Reino Suevo. Musset (1965) assim conclui o estudo sobre esse povo: “Nada de notável teria mudado na História se os suevos da Espanha não houvessem jamais existido”. A afirmação talvez seja discutível mas, em todo caso, é bem significativa. (GIORDANI, 1974, p. 140).

O historiador avalia a presença dos suevos, talvez, de um ponto de vista que atribui relevâncias apenas aos legados culturais, entendidos aqui como vestígios de civilizações com domínio da linguagem escrita, deixando transparecer que o valor da cultura estaria atrelado ao letramento ou não de um povo, ainda afirma que os bárbaros suevos foram “por demais bárbaros para deixarem um legado apreciável e permanente à civilização”, é possível que o notório pesquisador considere o significado do termo barbaridade pelo viés de Roquette; Fonseca (1856, p. 112), como sendo o “resultado da ignorância, da estupidez, do erro, da superstição, das preocupações, numa palavra, da falta de educação, de instrução e de talento”, assim, é patente que as análises deste historiador apontam para a não relevância da contribuição dos suevos.

### **Considerações finais**

Ao lançarmos outro olhar à natureza e ao caráter da importância dos bárbaros suevos na história externa da língua lusitana, expressa no ponto de vista dos autores apreciados neste trabalho, encontramos evidências que apontam para possíveis influências ideológicas e traços de preferências culturais derramando-se sobre algumas análises e, derivada desta percepção, notamos a necessidade de outra pesquisa para tratar, especificamente, a origem das concepções teóricas que influenciaram a formação acadêmica de alguns dos autores selecionados, com objetivo de procurarmos contextualizar, de forma mais consistente, suas posições diante dos fatos abordados.

Supomos, ao apreciarmos as bibliografias selecionadas, que algumas análises e posicionamentos que elegeram o superstrato ou outro traço linguístico qualquer como enfoque de maior relevância a ser considerado na ocupação militar de um território, não dão conta de abarcar todas as nuances de ordem cultural, bem como, as mudanças de maior ou menor importância na história do cotidiano dos falantes, independentemente do acervo intelectual do exército invasor, além disso, é consenso entre os historiadores que o império romano mantinha-se às custas da conquista de novos territórios; do extermínio sistemático de qualquer resistência; da escravização dos sobreviventes; de alianças militares eventuais; da expropriação das riquezas encontradas, enfim, do imperialismo, nesse sentido, entendemos que o expansionista militarista, traço mais forte da cultura romana, não tinha em sua essência qualquer ideal de levar iluminação cultural aos povos conquistados.

A representação escrita da língua, a chamada cultura letrada (forma pela qual se perpetuaram os denominados clássicos da literatura), não se constitui em fator essencial à sua sobrevivência ou a sua continuidade enquanto língua falada, mas, sim, a existência de falantes, assim, o latim continuou presente e se modificando para além das influências dos bárbaros germanos, atendendo as necessidades de seus falantes, deste modo, as marcas da presença dos suevos ainda podem ser percebidas na região onde hoje é Portugal, isso posto, entendemos necessário enfatizar o fato de que para as culturas ágrafas é impossível deixar legado apreciável com peculiaridades literárias, a não ser aqueles registrados por mãos estranhas, atadas as limitações de quem percebe o outro sem a inquietação de desvendar a sua verdadeira essência, com isso, pode sujeitar seus relatos a todo tipo de imprecisões e distorções.

A eventual carência de fontes com conteúdo consistente que se ofereça à pesquisa (documentos; crônicas; manuscritos de época, etc.), podem fazer limitadas ou mesmo inviáveis as possibilidades de averiguação, de maneira inequívoca, dos acontecimentos históricos e linguísticos na Península Ibérica do século V, isso não significa que povos nômades, como os bárbaros suevos, constituíssem clãs nos quais os traços mais marcantes da existência fossem os de ordem anticultural.

## Referências

- AREAN-GARCIA, Nilsa. Breve História da Península Ibérica. In. **Revista Philologus**, Ano 15, Nº 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set/dez 2009.
- BOTELHO, José Mario. Causas e consequências da dialeção da língua latina: um pouco de história externa da Língua Portuguesa. In. **Cadernos do CNLF**, Vol. XIV, Nº 4, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2010.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Pontos da gramática histórica. – Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DO VALLE, Rosalvo. Ismael de Lima Coutinho – O Homem a Obra. In. **Homenageado do XV CNLF** Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Disponível em : [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlf/homenageado.htm](http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/homenageado.htm) , acesso em 21/05/2014.
- FARACO, Carlos Alberto. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. 1ª Ed., 4ª reimpr. : Fevereiro/2014 - São Paulo : Parábola Editorial, 2006.
- GARCIA, Afrânio da Silva. O Português do Brasil – questões de substrato, superstrato e adstrato. In. **Revista Soletras**, Ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, jul./dez. 2002.

GIORDANI, Mario Curtis. História dos reinos bárbaros – Idade Média II - 2ª ed.- São Paulo: Editora Vozes, 1974.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portuguesa – 5ª ed. – Bahia : Aguiar & Souza, 1950.

ROQUETTE, J. I.; FONSECA, José. Dicionario dos Synonymos. Poetico e de Epithethos da Lingua Portugueza, EM CASA DE Vª J. P. AILLAUD, MONLON E Cª, Livreiros de suas Majestades o Imperador do Brasil e El-Rei de Portugal. Paris, 1856. Disponível em: <[https://play.google.com/books/reader?id=c-SU1AQAAMAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt\\_BR&pg=GBS.PA113](https://play.google.com/books/reader?id=c-SU1AQAAMAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PA113)>, acesso em 18/02/2015.

SAMU, Leonardo. Memórias arábicas no Português em 1300 anos. In. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, Nº 5, t. 3. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Tradução Celso Cunha. - 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.